

OPINIÃO



Muda* os inventários

JOANA OGANDO
 Professora da AESE

Há um grande desperdício quando objetos ficam parados em prateleiras, à espera para serem usados ou vendidos, depois de gastas horas a produzir, transportar, arquivar ou armazenar, manter, contar e inventariar. Somam-se peças inúteis, mas também outros recursos como eletricidade ou água, consumidos ou esbanjados quando sempre acesso ou sempre a correr. Por vezes pode ser que o processo de produção implique subprodutos, que não têm outra utilidade e serão descartados para o lixo. Será possível alterar o processo para não os fabricar? Ou haverá outra utilização para os mesmos?

Muitos dos indicadores financeiros usados hoje em dia são baseados no inventário. Direta ou indiretamente, o stock que as empresas possuem é, naquele momento, dinheiro parado. E dinheiro parado é um desperdício. Por isso se comparam índices como dias de stock, rácios de 'turnover', de obsolescência e de eficiência, para determinar se haverá dinheiro a ganhar pó nas prateleiras, dissipando o seu valor.

Há no entanto uma nova tecnologia que promete reduzir os inventários. Uma tecnologia que se foi impondo nos últimos anos prometendo ser uma revolução industrial.

Imagine que deixa de ser necessário ter em armazéns stock, por exemplo, de peças sobresselentes. Com uma impressora 3D, apenas precisa de produzir - de imprimir - a peça quando precisar dela. Não imprime a mais, nem antes de tempo, mas só e quando necessário. No futuro teremos apenas ficheiros 'online' de peças para os nossos equipamentos, para imprimir 'on demand'.

Será possível que as lojas de peças de substituição venham a desaparecer? Não pretendo vaticinar o final desse modelo de negócio, mas prevejo uma evolução tecnológica: assim como o frigorífico veio permitir otimizar a conservação de produtos perecíveis, levando a um ajuste de algumas profissões e ao aparecimento de outras, também com a impressão 3D de peças poderá acontecer o mesmo, mudando o transporte de contentores, aproximando o fabricante do cliente final, promovendo o aparecimento dos 'prosumers' - consumidores que participam no processo de produção.

A impressão 3D permite deslocar fronteiras da criatividade, personalizar e adaptar melhor o produto aos caprichos de cada um, reduz e simplifica as etapas de fabrico, gera mais folga para as empresas investirem noutras áreas ou estarem disponíveis para aproveitar oportunidades que vão aparecendo.

E 'in extremis', sem desperdício de inventários, deixará também de existir a época dos saldos... ■

* Muda é um termo japonês para desperdício